

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIMAR TORREZÃO

1.^a SERIE

LISBOA, 9 DE ABRIL DE 1881

NUMERO 18

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

No proximo numero começaremos a publicar o romance postumo de George Sand, ALBINA, alternando-o com um conto original de Valentim Demonio, O CARDEAL DIABO, ULTIMA NOITE DE HOFFMAN, que temos em nosso poder.

Assigna-se para a nossa revista na redacção, rua dos Faneiros, 87, custando cada serie de 25 numeros 500 réis, provincias 560, paga adiantada.

CHRONICA ALEGRE

A chuva impertinente e intempestiva que ha um mez desfolha as boninas do Campo Grande e alaga o asfalto do Chiado, está fazendo ao lyrismo doente um danno incomparavelmente mais serio do que lhe teem feito ha um anno os livros dissidentes do sr. Eça de Queiroz. Pesadas nas duas conchas da balança — a qual nada tem de commun com a do archanjo S. Miguel que adorna varias boticas e povoia outros tantos altares — os pingos de tinta e os pingos da chuva, percebe-se que é mil vezes mais rapida e prompta a morte pela asphyxia, proveniente da agua, do que a morte pela rhetorica proveniente da tinta.

Uma grande tristeza profunda e inconsolavel envolve doloridamente a fantasia azul dos vates da primavera.

Costumavam elles navegar de vento em popa no *fleuve du tendre* logo que os primeiros gomos abriam nas velhas arvores municipaes e não municipaes. A' hora em que as andorinhas batiam as asas nas regiões sidereas batiam elles na testa. Os plectros emmudecidos n'uma longa successão de mezes prozaicos começavam a ser afinados no primeiro de marzo, preparando-se para o hosanna glorioso do dia 20.

Os trovadores incomprehendidos e suffocados durante o periodo annual na banda d'alferes, na manga de alpaca d'amanuense, ou no balcão homicida, sentiam acordar no peito ossudo e anguloso, em rebates de lyrismo hysterico, a propria alma de Metastasio.

Elles cantavam o bello céo azul, submettendo-a a varias metáforas engenhosas, espojavam-se galantemente na relva luminosa e humida, suprehendendo indiscretamente os segredos amaveis das borboletas, os namoros dos cravos e das rosas, as commoções vegetais, as palpitacões mysteriosas da terra beijada amorosamente pelo sol, e revelavam tudo com uma sem ceremonia ingenua e tocate.

Sujeitos reconhecidamente castos, de una isenção apregoada pelo barbeiro, levando o puritanismo á perfeição de contemplarem friamente a plastica das actrizes, despnhavam-se n'esta epocha do anno em orgias de versos coxos, reluzentes de físcões pagas e nudezas mythologicas, ligeiramente attentatorias da moral publica.

A primavera, correndo com as suas mãos diaphanas os stores da alcova nupcial e espreitando cá para baixo, ria-se, e caridosamente, como as *prima-donnas* em noute de beneficio, atirava beijos nas pontas dos dedos cõ de rosa aos seus adoradores febricitantes.

Pois bem, em vez de um céo cõ de turqueza, abril apresenta-nos um céo degenerado cõ de chocolate. As boninas encolhem-se eshofeteadas impudicamente pelo sudeste. O *fleuve du tendre* passou a ser um *fleuve* encapellado e barrento como o caneiro de Alcantara.

A abobada cerulea, conspirando contra a *gioventú del anno* e jorrando impetuosamente velhos aguaceiros resfriantes, prescinde das lyras e exige apenas chapéos de sol.

E o sr. Florencio Ferreira, que preparará os seus devaneios e

compozera os seus *delirios*, retira-se desconsoladamente, indo guardar à pressa o alaude, desafinado pela baixa da temperatura, e renunciando, por agora, á tunica orpheonica, que elle tencionava vestir, voltou ao frack, que elle já despira.

A estrofe lyrica, annullada pela deserção inesperada da primavera, substituiu-se n'estes ultimos dias pela phraze banal.

Ora entre um trovador que revira os olhos para a lua e faz versos ás mariposas e um rabiscador que reproduz um phraze sediça, e faz trocadilhos, é difícil a escolha.

Oh! céos, livrae-nos de ambos!

Ultimamente, na camara alta, um par do reino solto uma locucao infeliz.

Essa locucao espremida e torcida, tomando a elasticidade da gutta-percha, tem rufado impertinentemente aos nossos ouvidos estafados, desde o Himalaya do artigo de fundo politico até ao rez do chão do artiguinho ameno, chegando á hora que escrevemos ao apuro extremo de fornecer um livro e uma comedia.

Curvando-me aos pés do sr. bispo de Vizeu supplico a Sua Reverendissima que me deite a sua benção episcopal, para beneficio da minha alma, pedindo-lhe ao mesmo tempo reverentemente que me poupe as suas locuções para desafogo dos meus ouvidos.

Os cantores de S. Carlos despediram-se de nós com um bello concerto executado no salão nobre do real theatro de S. Carlos, no primeiro domingo de abril.

Este salão nobre do theatro lyrico, onde vibrou a grande voz dramatica, banhada de uma estranha melodia ideal e etherea, da cantora Borghi-Mamo, é um quarto sujo e sombrio como uma caserna. Nas paredes humidas alastram-se nodoas viscosas e espalmam-se remendos de papeis variados, de um pittoresco curioso e pelintra.

Sobre um estrado tapetado... de serapilheira e orlado de pântano roxo, apresentando o aspecto ridiculo de um throno de Santo Antonio, erguia-se um piano rouco e senil.

Alguns franceses e dois ou tres ingleses assistiam ao concerto, formando de certo o mais lisongeiro de todos os conceitos ácerca da comprehensão esthetica e sentimento artistico de uma empreza que permite que se reunam em uma espulanca, que se chama o salão nobre do real theatro de S. Carlos, um grupo de cantoras distintas, como Borghi-Mamo, Torresella e Synnerberg, e um grupo de senhoras honestas.

Será licito talvez pedir áquellas artistas e rogar a estas senhoras que concorram com o seu obolo a favor de uma subscricção-sínia destinada á compra de quatro ou seis peças de papel e outras tantas peças de alcatifa para lavar a cara do salão nobre do real theatro de S. Carlos, as quaes offereceremos á empreza em desconeto dos nossos peccados e para preservativo dos nossos vestidos.

G. T.

QUESTÃO LITTERARIA

Conceição-Corja

O cerdo, rebalsado no esterquilinio, ronca, mas não sahe. Tenho-lhe atirado batatas, cebolas podres. Os projectis resvalam-lhe no couro rijo de pachyderme, e elle, afocinhando-os, grunhe e devora-os. Eu não sou Hércules 2.^o, capaz de dar cabo d'este novo porco de Erymantho.

D'esta vez vem insultando crapulosamente DONA SOPHIA AMELIA. N'este pseudonymo farejou elle uma senhora. Cheirou-lhe a mulher, aspirando-lhe os aromas específicos n'aquelle sitio em que a Pucelle

d'Orléans, segundo Voltaire, pintava as flores de liz no corpo nedio do page de Chandos.

*Jeanne prend l'encre, et sa main lui dessine
Trois fleurs de lis, juste dessous l'échine
Le bon Denis voyait, se pâmant d'aise,
Le lis français sur une fesse anglaise.*

Com o seu nariz esthetic de Cyrano de Bergerac, não ha es-caninho fibrinoso nem refêgo epidermico defeso ao seu olfato. Se para espírrar uma infamia lhe fôr preciso fazer-se mais soez que o seu natural, burrifica-se. Elle bem viu que o pulso que lhe vibrou a segunda tagantada nas *Ribaltas* não podia ser de senhora. Revelasse ahí um braço amestrado nas monomachias duras das controversies litterarias portuguezas. Revê o estylista e o erudito. É evidente que uma dama, embora muito instruida, não ousaria segunda vez dirigir-se ao indecente sr. Conceição. Eu não conheço o cavalheiro que tão desinteressadamente veio, por minha causa, expôr-se às chufas d'este biltre assim cobarde quanto bestial; mas, se eu pudesse ir à Beira-Alta, diria ao grande jurisconsulto e litterato que se assigna *Sophia Amelia*, que o sr. Conceição Capellista intenta alicial-o para as suas *borgas* d'alta escola, ricas de Torres, de radicalismo, de iscas de figado da travessa das Pretas e de positivismo. Que os la-caios de *Dona Sophia* estejam precavidos com os pingalins para avergarem as espádoas d'este alcaio que, cheio de invejas, trata de minar a posição social do Firmino.

Este meu artigo já não é bem de polemica: é de correções e retoques biographicos. Em repetidos lances dos anteriores artigos disse eu que o sr. Conceição era de Trancoso. Não me lembra quem foi o informador d'esta inexactidão que ethnologicamente nada importa; mas que é aviltante, pelos modos, para a vetusta Trancoso, soberba de heroicidades que remontam ao cyclo glorioso do Mestre d'Aviz e Nuno Alvares Pereira.

Chegaram as *Ribaltas* áquelle villa archeologica, heraldica e verneranda como uma chronica de Fernão Lopes. Os próceres da terra — representantes dos fidalgos que alli moravam quando o senhor rei D. Diniz lá casou com a senhora rainha Santa Isabel — maravilhados de que florescesse na Figueira, de barriga para o ar, na praia, um philosopho seu conterraneo, chamado *Conceição*, deitaram inculcas por bêcos e alfusuras onde costumam nascer os philosophos d'esta casta, e averiguaram a final que a não ser exposto chrismando, tal philosopho não tinha rebentado de ventre conhecido em Trancoso. Reuniram-se, por tanto, na casa da camara, doze descendentes dos ricos-homens, senhores de pendão e caldeira, do tempo do senhor rei D. Afonso II, o Gordo, e deliberaram, a um tempo, vituperar-me e honrar-me com uma missiva que até certo ponto me envaidece, porque me abre relações com appellidos de sujeitos que parece terem sahido hontem das cavernas de Covadonga, na hoste de Pelagio. A carta, com pouca correção orthographica, reza assim:

Sr. Camillo! Nós, os abaixo assignados, hemos lido em varias gazetas que vm.^{co} affirma que o philosopho Conceição é filhote de Trancoso. Passámos a indagar quem fosse n'esta villa a familia CONCEIÇÕES d'onde pudesse sahir esse assaz incognito philosopho. Ouviram-se os anciãos da terra, os sabios, e inclusivé douz frades bernardos, e todos á uma disseram que vm.^{co} ou fôra illudido na sua boa fé, ou pretendia enxovalhar Trancoso. No primeiro caso pecou por ignorancia, e está desculpado; no segundo caso, tão asno é vm.^{co} como esse philosopho pulha que intentam exxertar no tronco oito vezes secular de Trancoso, cujas raizes prendem no torrão d'onde bracejou a arvore da monarchia plantada pelo grande Affonso. Ouviu-se o parecer de D. Fr. Leonardo, que estudou rhetorica e poetica no real mosteiro de Santa Cruz, e esse disse que se o philosopho Conceição aqui nasceu seria pelo sistema do seu collega Platão, que dizem ser filho de Apollo e de uma virgem immaculada, e d'ahi viria appellidar-se CONCEIÇÃO, attendendo á maneira extravagante como foi concebido. Suppõe o dito sabio egresso cruzio que, de feito, o philosopho, visto que também é poeta, seja filho de Apollo; mas, consultado o morgado de Agra de Freitas, Calisto Eloy de Sylos de Benevides de Barbuda, antigo deputado, e muito douto em mythologia, grande egyptologo e romanologo, respondeu que dos

versos trasladados nas RIBALTAS mais se collige que o philosopho seja filho não de Apollo, mas sim de Pégaso. Quanto á mãe, quer ella se macheasse com o deus ou com o burro, ninguem dá notícia de tal bebeda. Como quer que seja, ou vm.^{co} fosse enganado ou quizesse debicar com os cavalheiros de Trancoso, sirva-se emendar a sua ignorancia, ou recolher o seu espirito em que se revela plebeu de baixa extracção, um mestreial da arraia-miuda que se finge escudeiro por que usa esporins de 3 tostões e cavalga um garrano esparavonado.

Deus guarde a vm.^{co} — Trancoso, aos 23 de março do anno da graça de 1881.

- D. Sueiro Mendes de Ribacóia.*
- D. Payo Malafaya.*
- D. Pero Gutterres.*
- D. Rodrigo Vermuiz.*
- D. Gonçalo Trastamires da Maya.*
- D. Fuas Moniz Coelho.*
- D. Mem de Chacim.*
- D. Fafes Gondisalces de Camvra.*
- D. Egas Trucuzendes.*
- D. Gil de Briteiros.*
- D. Fernão de Berredo.*
- D. Fafião Rodovalho de Alvarenga.*

(Segue-se o reconhecimento).

Aqui está a *piada* que eu abiscoutei por causa do sr. Conceição! Oxalá que os honrados lavradores da Samardam, feridos no santo affecto da sua aldêa, ponham a dignidade dos seus estadulhos na espinha horisontal d'este filho de Apollo e Simões por collaboração.

Já elle, descosendo-me na genealogia, me tinha dito que eu nutria umas tolas chimeras de fidalgo por bastardia, como se eu lhe tivesse discutido a estirpe do paiz ou da mãe. Que tinha que ver a questão litteraria com o meu legitimo ou bastardo nascimento? O meu sangue depauperado por alcovas suspeitas em que favorecia o criticoismo do sr. Conceição? Que me importaria a mim que o meu condutor nascesse em Trancoso, se elle me não rasgassem por cima as cataractas torrenicias do ridiculo da Samardam?

E afinal, quando eu o julgava espalmado pela fatalidade topographica do seu nascedouro em Trancoso, vem os magnates da terra injuriar-me e atenazar-me a prosapia com umas fidalgas insolencias medievaeas!

Mas saibamos: onde diabo nasceu o homem? É filho de Apollo ou de Simões? Nasceu nas fraldas do Parnaso, ou nas fraldas da mãe?

Ah! elle não é bem de origem divina, mas procede de uma raça antiquissima que veiu para a Lusitania, 1372 annos antes do nascimento de Christo, acaudilhada por Baccho, e estabeleceu-se em Ilhavo, segundo diz o meu douto amigo e critico Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno*, tomo III, pag. 388.

Ora, o sr. Conceição, de raça pelasga, nasceu em Ilhavo, e talvez descendia de Baccho, digno capitão da canalha intrusa. Eu deseo que elle me prove, e não lhe ha de ser difficult, que descendia do bebedo filho de Semelle. Tem cousas e scriptos que parecem mais inspirações da borracha que do sopro apollineo. Antes isso que neto de servo da gleba ou d'algum apanhador de moliço da ria d'Aveiro; — que os bons instintos do plebeu são mais equívocos e litigiosos que a bondade inconsciente dos cães.

Que jubilo satanico me vai na alma quando posso sarjar na escampada fronte do sr. Conceição a ventosa de um texto quinhentista, obsoleto! D'esta vez o caustico ha de ser de Heitor Pinto, um santo frade que dava ao diabo a gentilha com umas palavras sentenciosas que nunca hão de envelhecer enquanto a biltraria que se creou com caldeiradas de cações e safios se não adelgar pelo ceipilho de tres ou quatro gerações, de modo que não cheire ás algas estercorais da sua profissão avoenga. O frade diz assim: *As virtudes da gente baixa muitas vezes travam, e parece que sabem a madeira nova e casquenta. Ha ahí umas virtudes bravas sem exxertia, a que não achas doçura: outras são assucar refinado: umas são de baixo cedarço, outras de fina seda.* (DIALOGOS). Isto foi escripto ha mais de tres seculos. Que diria hoje o preclaro doutor, quando ao canibalismo sem educação rudimentar religiosa se ajunta uma demão

de primeiras letras! É o mesmo que abrir á fera a jaula da ignorância para que ella faça das garras o seu argumento.

E então em Portugal! Aqui são dois os elementos ethnologicos que dominam: é a burguezia que aspira a fidalga e a canalha que aspira á burguezia.

O sr. Conceição como philosopho republicano radical dá a medida do ideal da honra e honestidade que vitalisa as instituições novas e transfunde sangue cruorico nas sociedades cacheticas. A sua boa fé em critica litteraria é uma feição da sua indole que synthetisa todas as outras. Logo darei um exemplo recentissimo.

Voltando a Ilhavo, não lhe direi por emquanto nada da mão. Deixo-a de escebeche, pois estamos em terra de peixe, para um dia de magro, quando me faltarem iguarias mais condimentosas, e houver necessidade de pôr na mesa as varreduras da cozinha onde temos de a procurar — a tal iguaria. Depois discutiremos a minha bastardia e a legitimidade do sr. Conceição, já que sugeriu essa especie.

Quanto ao ill.^{mo} sr. Simões, o das *Flóres d' alma*, esse, um cirurgião devoluto de Ilhavo, transferia-se para Pinhel em 1834, e lá, ganhou a sua vida, como curandeiro da ballada do humourista George Colman:

*No man could better gild a pill,
Or make a bill,
Or mix a draught, or bleed, or blister,
Or draw a tooth, out of your head,
Or chatter scandal by your bed,
Or give a clyster.*

Não é pois Trancoso, é Pinhel que se orgulha de ter recebido os clysters do pae e os aromas das *Flóres d' alma* do filho, com grande gaudio da madrasta. Fica-se sabendo que o sr. Conceição nasceu em Ilhavo, amadureceu em Pinhel e apodreceu na Figueira.

Agora, o exemplo da sua lealdade em critica litteraria.

O sr. conego Alves Mendes, auctor de um livro admiravel intitulado *ITALIA*, publicou um opusculo de assumpto restrictamente ecclesiastico sob o titulo *O priorado de Cedofeita*. Este illustre sacerdote grangeou na eloquencia sagrada o conceito que o considera sem lisonja um dos mais elevados e vernaculos ornamentos do pulpite. Como auctor da *ITALIA*, accentuou mais relevantemente os seus predicados de estylista, urdindo com elocuções coloridas de um accendrado purismo, 500 paginas em que as peregrinas bellezas da forma se travam com a selecta substancia de noticias preciosas e escassamente conhecidas em livros de viajantes portuguezes. No opusculo *O priorado de Cedofeita* versou com proficiencia magistral uma questão organica de praxes e direitos clericaes, de nenhuma sorte momentosa para o commun dos leitores, mas de interessante alcance na esphera em que essa lide andou longo tempo em agitada controversia. Pôde ser-nos indiferente o pleito litigado entre o D. Prior e os conegos de Cedofeita; mas esse facto estranho ás nossas preocupações não nos habilita a julgar banal e ridiculo o livro do sr. Alves Mendes. Se impulsos de mera curiosidade nos movem a ler o opusculo, em nosso animo, até certo ponto, faz-se um retrocesso a tempos que pareciam extintos; por quanto, nós, com os ouvidos amartellados pelo estridor fabril das officinas em que se forjam as ferrarias e revoluteiam as engrenagens e se atarracam as ferraduras de alguns adais da civilisação, não ouviamos, não sabíamos que no priorado de Cedofeita havia desavenças ruidosas entre o D. Prior e os conegos. Sem embargo, se podemos aclimar o espirito attento ao litigo explanado pelo sr. conego Alves Mendes, forja é que nos deixemos captivar da austera dialectica, da vasta sciencia da legislacão canonica, do estylo castigo e do luminoso retoque de antiguidades esquecidas. Pôde ser que cada pagina debruada de textos latinos como esteios á idéa excellente que os dispensa, nos pareça já agora uma exuberancia um tanto monastica e superflua; assim mesmo essas demasias, se não realçam, tambem não desluzem a obra, hoje em dia singular, do versadissimo professor. O capitolo II, todavia, recamado de matizes historicos, é leitura de commun agrado e novidade para muitos.

Enviou o sr. conego o seu opusculo ao sr. Alexandre da Conceição, como um preito ao homem de letras que se ensfileirou nos atiradores da critica. Foi um acto louvável de candura, mas um la-

pso indiscreto de boa fé. O sr. Alves Mendes, cujos escriptos arguem lição de literatura moderna, devia ter lido o que quer que fosse do sr. Conceição — o bastante para lhe dar a linha, o perfil de uma ignorância primacial de par com a indelicadeza de catacroso violento. O philosopho de Ilhavo correspondeu ao primor da oferta desembéstando contra o auctor umas lerdas pulhas, e fazendo das formulas mathematicas um espojadouro de arlequim pateado nas suas desgraciosas visagens mascarradas de gesso e carmim. (SECULO n.^o 63). Mas o que mais desbraga a mordacidade do critico é a fraude, a deturpação que faz no trecho unico que extraiu e exemplificou para ridicularis a obra.

O sr. Conceição escreve:

«Diz o sr. conego na nota de paginas 17 e 18 do seu notavel trabalho:

«Podíamos chamar os beneficiados de Cedofeita conegos de favor, como os podíamos chamar *raçoeiros*. Sob a mão, temos d'isto documentos authenticos e fulminantes; e, em ambos os casos, andavamos segundo o direito e segundo a historia.

«Amargam porém sempre as verdades (*molesta est veritas, si quidem ex ea nascitur odium*); e como para os vaidosos já a ausencia de louvor é vituperio, alguem que viu, n'aquelle adverbio, deslumbramento, desfechou-nos logo pela impresa a flecha penetrante e erva da aggressão pessoal: aggressão dissimulada, arteira, baixissima e, sobretudo, surprehendente, por ser vinda de quem vinha...»

«De modo que, segundo a firme authoridade do sr. conego Alves Mendes, os conegos de Cedofeita são *raçoeiros*, e *raçoeiros* é um adverbio.»

O sr. Conceição bem sabia que o sr. Alves Mendes não chamava *adverbio a raçoeiros*, porque algumas linhas antes do trecho que torpemente adulterou, lá está o adverbio inclusivo n'estas expressões: «... Ao occuparmo-nos d'este ponto, escrevemos *impropriamente* e imprimiu-se *abusivamente*.» Aqui está o adverbio. Convinha, porém, ao sr. Conceição truncar, decapitar a nota para abrir margem a estas chalaças: «Mas sendo os conegos de Cedofeita *raçoeiros* e adverbios, o que vem a ser a collegiada? Será a collegiada uma mangedoura ou uma interjeição? Será uma quarta de fava ou uma conjuncão? Será uma sacha de feno ou uma proposição?»

Elle não sabe mastigar um gracejo fóra da manjadoura, da quarta de fava e da gabella de feno. Achei-o sempre infeliz na polemica se lhe não proporcionava o cévo das estrebarias para se desopilar com alguma chufa bem excrementicia.

E querem ver como elle conclue o folhetim?

Temos sincera mágoa de só por esta maneira podermos agradecer a s. ex.^a a delicadeza do offereimento d'este seu trabalho.

Incrivel! Se isto não é novo, toda a pouca vergonha é velha!

Tenha o sr. Alves Mendes o injudicio proposito de responder ao vilissimo calumniador do seu trabalho, e verá que elle lhe deita a bola de strychnina. Deu agora n'esta das bolas. Gaba-se de ter deitado muitas bolas de strychnina. Elle escusa de gastar o ordenado com as bolas que atira. É atirar-se a si proprio como grande bolas que é. E, se não é bola de strychnina, pelo fétido parece ser bola de escaravelho-bosteiro, o *Bousier* de Cuvier. Ora como o escaravelho, cuja larva vive quatro annos no estrume, sofre metamorphose, eu espero ainda que o sr. Conceição, findos que sejam os quatro annos da porca evolução, com alguma grammatica e com algum juizo, venha a ser um escriptor pouco menos de mediocre. Está muito novo, na flor dos 40: é uma criança; estude os pronomes, e, sobretudo, muito *MANUAL ENCYCLOPEDICO* e alguma vergonha. E, se estes conselhos não lhe servem, vá bugiar.

2 de abril de 1881.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Minha Senhora. Eis-nos finalmente aspirando um ar puro e balamico na imprensa, desde que o meu antigo amigo Alexandre da Conceição calou a sua linguagem e emmudeceu perante a *troça*

que o sr. Camillo Castello Branco lhe fez com a analyse ás insolências desbragadas das suas cartas, folhetins, artigos ou o que melhor quizerem, porque eu não entendi patavina do que escrevia o meu antigo amigo Conceição !!

Vou dizer alguma cousa d'esse antigo bom rapaz, que eu conheci em Aveiro, a quem, por um sentimento de *calorismo*, chamei para o meu lado e lhe fiz ver que a carreira de padre a que o destinava seu pae, o dr. Bernardino Simões da Conceição, não lhe convinha. Isto passava-se em 1861, tinha o Alexandre 19 annos, e eu 21. Conceição era então uma creança jovial, elegante no vestir e no fallar, amava com o lyrismo d'uma alma de poeta.

Creio que resolveu o pae, e foi para o Porto onde 3 annos consecutivos me escreveu mais de 100 cartas, que eram o retrato da mais pura alma de poeta e de um amigo como ha poucos. Escreviamos sempre e sempre tinhamos que dizer. Elle amava e eu amava tambem. As nossas confidencias eram tão cheias de amor puro e santo, como é o sorriso da aurora n'uma esplendida manhã de primavera.

Que tempos! Alexandre estudava os preparatorios na Eschola Polytechnica do Porto para o curso de engenharia, e eu... eu escrevia *artigos de fundo* no *Commercio de Coimbra* de parceria e boa camaradagem com o ex.^{mo} sr. José da Costa Gomes, Gaio e outros. Escrevia no *Distrito d'Aveiro* e traduzia alguns artigos da *Ilustração Franceza* para o *Campeão*.

Alexandre publicou no Porto as suas *Alvoradas*, de que nem sequer me ofereceu um exemplar, (já o demo do orgulho lhe envergacia a alma de poeta!) e desapareceu para mim até 1866, quando eu era redactor do *Eco dos Funcionarios*, jornal bracarense.

Alli me respondeu a um artigo sobre a critica da *Paguita*, do nosso Bulhão Pato, e já n'essa critica Alexandre vinha de vizeira descida e lança em riste fustigar-me com o denodo de um valente trovador. Não retorqui. Entendi que elle era um *gigante* e eu um pygmeu em litteratura, e calei-me.

N'essa epocha apareceu a lucta entre a escola coimbrã e a lisboeta, por causa do prologo do *Poema da Mocidade* do meu amigo e distinto escriptor, Pinheiro Chagas. Houve muita escóva, e tudo cabiu no ridiculo como todas as criticas litterarias do nosso paiz.

Não tornei a saber do meu Alexandre. Escondeu-se nos floridos bosques da sua magestática intelligencia. Rasgou as folhas das suas *Alvoradas* e surgiu nas columnas do *Seculo Feito*:

- Republicano,
- Atheu,
- E... desesperado!...

Eu nunca esperei que o Alexandre d'Ilhavo, e não de Pinhel, porque é d'Ilhavo, terra das mais formosas mulheres de Portugal, se transformasse assim!

Quando li o primeiro artigo, cuidei que era outro Alexandre, o grande Alexandre, o Alexandre do *nô gordio*!

Oh! meu amigo, se é que ainda posso, — como ao José Osorio, essa alma immaculada, esse coração de ouro, esse peito de amigo, — chamar-te assim, para que abjuraste as tuas crenças da mocidade, tu, tu que me escrevias tantas cartas a fallar em Deus (!) no Rei e na Patria? ! . . .

E tuas filhas? Eu tambem as tenho, e ensino-lhes e sua mãe, a rezar e a crer em Deus! E olha que não és mais amigo das tuas do que eu, não!

És republicano? Fazes bem. A republica em Portugal, depois do *imposto do consummo*, é a melhor das politicas possiveis.

Se tu, como eu, vivesses mais no mundo, não pedias republica. Mas tu lá o entendes, e como és muito sabio, não quero questionar comitigo.

Lamentei o teu duello com o Camillo. Cahiste vergonhosamente. Fugiste no melhor da refrega, e só a palavra *covarde* é que te cabe. Autoriza-me a minha idade, autoriza-me a minha amizade, autoriza-me a posição que tens e me deves, a chamar-te assim.

Não fui d'esses a quem offereceste o bolo canicida; porque se o fosse, não te morderia, mas lamentaria que tuas filhas lessem taes cousas.

Fallo-te com a franqueza do amigo. A opiniao publica foi contraria ao teu pensar. Não se insultam os velhos, respectam-se; porque, deves saber-o, na republica romana os velhos eram muito respeitados, e tu és republicano. Devias lembrar-te que o sr. Camillo

tem um nome a que não pôde deslustrar o brilho a critica de um simples escriptor de folhetins e artigos pardos de republicanismo.

Não te quero magoar. Sou teu amigo, mas estás muito longe do Camillo Castello Branco. Tu sabes que um tirocinio litterario não se faz em oito ou dez annos.

E conclui, contigo.

Ex.^{ma} Sr.^a

N'esta simples critica, não tenho em vista ferir susceptibilidades. Fui e sou amigo do Alexandre, mas não gostei da maneira como elle ia insultando *meio mundo*.

Se elle — esquecendo a nossa velha amizade — me julgar pela bitola dos que não sabem tanto como elle, eu dou isso de barato, porque o orgulho é um dos caracteristicos dos que pouco sabem.

Desculpe V. Ex.^a este artigo, escripto ao correr da pena, que ofereço a V. Ex.^a como testemunho do muito que aprecio a intelligencia de V. Ex.^a e a maneira senhoril e esmeradamente delicada com que respondeu ao infeliz Alexandre da Conceição.

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Amelia um aperto de mão pela altivez com que repelliu as affrontas d'esse homem, que, insultando as escriptoras portuguezas, descia do seu pedestal dourado e cahia na lama.

Pombal, 5 de abril de 1881.

Henrique da Cunha.

RUMORES DOS PALCOS

Eis a relação dos valiosos brindes que foram offerecidos á brilhante *prima-donna* Borghi-Mamo, que seguiu para o Rio no dia 9 do corrente :

Um precioso ramo de fetos aquaticos, contendo cinco folhas de brilhantes, cravação *au jour*, e tendo enleada uma serpente de finissimos rubis orientaes, de el-rei o sr. D. Fernando.

Um rico medalhão de ouro máte, tendo a parte superior plenamente cravejada de brilhantes, ressaltando do centro uma *margarite*, flor, allusiva á Margarida de «Mephistopheles», em brilhantes mais grossos. As folhas da flor eram de esmeraldas. Na argola d'este medalhão, enfiada n'uma corda de ouro brunido, estavam cravejados quatro brilhantes maiores.

Este valioso brinde foi offerecido pelos srs. duques de Palmella.

Um lindo medalhão de ouro máte, tendo na tampa uma grande saphira de forma eliptica, circundada de 20 brilhantes, da sr.^a condessa d'Edla.

Uma magnifica pulseira de ouro máte, toda lisa, da largura de dous dedos, tendo ao centro uma formosissima e perfeita perola, montada sobre um circulo de brilhantes, *au jour*, da sr.^a D. Maria Emilia Brandão Palha.

Um annel, formando um quadrado, feito de quatro brilhantes grandes, de primeira agua, assentes sobre um fundo de brilhantes miudos, do sr. Abraham Bensaude.

Uma pulseira feita de tranceilim de ouro, figurando uma cobra, tendo engastada na cabeça uma pequena saphira, guarnevida de brilhantes, e olhos de rubis, do sr. Antonio Vianna.

Um delicadissimo ramo para o peito, de ouro e perolas, da sr.^a D. Sebastianna Vieira Roquette.

Um distinctissimo bracelete, de alto valor artistico, com admiraveis incrustações a ouro de cores, prenda do sr. Jayme Seguier.

Uma formosa flor dos Alpes, feita de brilhantes e rubis.

Um bello annel formado das mesmas pedrarias.

Um bracelete de ouro em forma de serpente, dos srs. viscondes da Cruz Alta.

Um esplendido centro de mesa, todo de prata, com a taça de crystal da Bohemia, cheia artisticamente de finas camelias e violetas, forma de uma arvore frondosa, tendo no sopé figuras de veados, de brilhante execução. A arvore é toda fosca; o plintho em que assenta é de prata polida com graciosos medalhões, tendo cabeças de veados em relevo. Este brinde foi do sr. Freitas Brito, emprezario do theatro de S. Carlos.

Uma bella escrevaninha de madreperola e ouro, n'um estojo de setim azul, da sr.^a D. Palmira Folque.

Uma pequena *corbeille* de filagrana de prata, cheia de amores perfeitos, da sr.^a D. Maria Vidal.

Um ramo, tendo fitas de seda azul e renda de Bruxellas, do sr. visconde da Silva Carvalho (José).

Um *necessaire* de viagem com instrumentos de aço para *toilette*, encravados lindamente em madreperola, do sr. Gattai.

Uma *corbeille* de filagrana de prata, cheia de rosas francesas, de Julio Cesar Machado.

De Joseph David uma primorosa *corbeille* dourada, cheia de *nuphares* brancos, artificiales, com elegantes lacinhos azues e cór de rosa.

Uma *corbeille* de finas flores campestres, artificiales, tendo na aza, enfeitada de laços azues e brancos, um gracioso colibri, offerecido pelo *dilletanti* João Guimarães.

Uma bella *coupe* de madreperola e prata, com finissimo esmalte, da sr.^a D. Constança Paccini.

De madame Paccini, um delicado ramo de flores magnificas com primorosas fitas de faille branco, tendo as extremidades ricamente bordadas a matiz e ouro.

Os estudantes que ocuparam a torrinha 112 levaram a made-moiselle Borghi-Mamo um formoso ramo de flores com o offerecimento dos academicos ali presentes.

Uma elegantissima *corbeille* de roses thé da parte dos srs. duques de Palmella e de sua filha.

Um açafate de flores do sr. Antonio Vianna.

Um taboleiro de mimosas flores do sr. Fernando Palha.

Uma *corbeille* de camelias do sr. Primo da Costa.

Outra do sr. José Maria da Cunha Seixas.

Outra da sr.^a D. Maria da Conceição Pereira Palha.

O actor Taborda escreveu em seu nome, e no de todos os seus collegas de ambos os sexos, do theatro do Gymnasio, uma delicada carta de felicitação a Borghi-Mamo.

A grande cantora no final do 3.^º acto do «Mephistopheles» ofereceu, como recordação ao maestro Rafael Kuon, para lhe significar a sua gratidão por ter sido um dos que concorreu para se cantar a esplendida opera de Boito, um precioso estojo de velludo grana, com legendas de ouro, encerrando uma formosissima batuta de ebano com rendilhados de prata. O rendilhado é em estylo gothic, disposição graciosa e artistica; o punho é delicadissimo, trabalhado em linhas que se cruzam formando elegantes ornatos e sendo a extremidade em *lapis lazuli*; nasce d'esse punho uma fita espiral tornando a vara de ebano, na qual estão esculpidos os nomes das principaes operas cantadas pela eximia prima-donna e regidas pelo distincto maestro; forma o centro uma lyra cercada por um laurel tendo no reverso a dedicatoria, sobrepoë esta lyra o monogramma do maestro, e abaixo o monogramma da oferente; finalisa este trabalho um gracioso templo da gloria composto de seis columnas, estylo grego, com quatro escadarias dando entrada a um centro onde se acha o mundo representado por uma esphera de crystal de rocha; as columnas sustentam uma cupula de *lapis lazuli*.

*

* *

Segue no dia 11 de maio para o Rio de Janeiro a actriz Pepa do Príncipe Real. A graciosa actriz está escripturada na Phenix dramatica. O seu talento vivaz e a sua voz melodiosa e fresca, sabendo *détailier* o couplet e dando-lhe toda a malicia picante, indispensavel na opera comica, a sua natural gentileza e a facilidade com que comprehende e interpreta papeis de generos oppostos, são segura garantia do successo que espera a actriz Pepa no Rio de Janeiro.

*

* *

A distribuição da comedia drama em 5 actos, *O Luxo*, original de Antonio Ennes, que deve subir á scena no theatro de D. Maria no dia 20, é a seguinte :

Christina Forjaz, 32 annos,—Emilia dos Anjos.

Margarida Forjaz, 17,—Virginia.

Heloisa Forjaz, 8,—Christina Anjos.

Baroneza de Amora, 36,—Maria Adelaide.

D. Anna da Veiga, 54,—E. Candida.

Julia Caldas, 28,—Carlota Mafra.

Henriqueeta, criada, 25,—L. Lopes.

Alvaro Forjaz, 38,—Eduardo Brazão.

Raul Forjaz, 14,—Rosa Damasceno.

Bonifacio Forjaz, 50,—Pinto de Campos.

Thomaz Jones, 35,—Augusto Rosa.

Jacinto Peres, 54,—J. de Almeida.

Pedro da Veiga,—Carlos Ó Sullivan.

Visconde da Abrunhosa,—Julio Vieira.

Joaquim Abrantes,—Mendes.

Moura,—Macedo.

Ensaia-se no theatro de D. Maria os *Dois Sargentos* para beneficio do actor Augusto Antunes.

*
* *

Obteve um successo no Odeon de Paris a comedia em um acto de Abrahão Dreyfus, *Klephte*. A comedia, uma verdadeira *bluette*, bascia-se sobre a discussão travada entre dois jovens conjuges a propósito da poesia de Victor Hugo, *Klephte*. O marido é de fogo, a mulher é de gelo. O *ménage* ameaça ir a pique por um simples desacordo, quando o amor intervém a tempo para terminar a guerra e assignar a paz com um beijo sonoro. O assumpto, como se vê, não vale nada; porém, o auctor soube arrancar-lhe primores de eloquencia e espirito suficientes para obter do publico uma ovacão.

*
* *

No Vaudeville, de Paris, fizeram ultimamente *reprise* da *Princesa Jorge e Visite de nozes*, de Dumas filho, que em tempo subiram á scena no theatro de D. Maria.

*
* *

Ha dias, no theatro das Variedades de Paris, representou-se uma scena ao natural, profundamente dramatica, de que foi protagonista um espectador e cuja exhibição teve lugar na sala em vez de ter lugar no palco.

No meio do 2.^º acto de uma opera comica, cerca das onze horas, e no momento em que a Judic garganteava a ultima nota da sua cançoneta *Pionit!*, ouviu-se a detonação de uma arma de fogo. A Judic parou de chofre, lançou um grito e caiu desmaiada nos braços de Dupuis. O publico ergueu-se agitado e fitou um camarote da segunda ordem, d'onde partira o tiro. Afinal soube-se que o disparara contra si mesmo um rapazinho de 15 a 16 annos, que se chama d'Albert B. e que é caixeiro de uma loja de ferragens.

O ferimento não apresenta gravidade.

Interrogado o suicida ácerca das razões que determinaram semelhante acto de desespero, respondeu :

— Não lhes direi os motivos, não os comprehendereiam.

Resolveria o imberbe acabar com a vida porque lhe faltasse dinheiro para comprar um charuto, ou porque não lhe fosse dado accendel-o no lume dos olhos da Judic?... Mysterios!

*
* *

Os direitos de auctor do *Divorçons*, em Italia, renderam a Sarrou a somma importante de 18:000 liras.

*

Subiu á cena no theatro *Recreio Dramatico* do Rio de Janeiro, de que é emprezaria a actriz Herminia, a comedia *A meia de lá*, obtendo um exito de gargalhadas.

*
* *

O elenco dos artistas contractados pelo emprezario Ferrari para a proxima estação lyrica do Brazil e Rio da Prata é o seguinte :

Prima-donnas : Borghi-Mamo e Durand.
 Prima-donna ligeira : Elvira Repetto Trezzolini.
 Contralto : Elena Sanzs.
 1.^{os} tenores : Tamagno e De Santis.
 2.^o tenor : Ferdinando Ambrosio.
 1.^{os} baixos : Dondi e Povoleri.
 Baixo comic : Lombardelli.
 Barytonos : Kassmann, Giuseppe e Sparapani.

Parabens aos brasileiros !

*
* *

No theatro *Lucinda*, do Rio de Janeiro, representa-se actualmente uma comedia em 3 actos de Paulo Ferrier, *A creada grave*, tradução de Furtado Coelho.

*
* *

Madame Edmond Adam vae fazer representar o seu drama em verso, *Galatea*. O drama deverá subir á cena no theatro das Nações de Paris, em uma matinée cuja receita reverterá a beneficio de uma das escolas commerciaes. Coquelin, Mauban e Léonide Leblanc desempenharão os principaes papeis.

*
* *

A insigne actriz Virginia foi immensamente obsequiada na sua festa artistica, recebendo muitos e valiosos brindes e um sem numero de ramos de flores, retratos e bilhetes de visita.

*
* *

Diz-se que madame Thys, parisiense, compoz uma opera intitulada *Tabirini ou Congiura di Chevreuse*.

*
* *

Obteve um grande exito no theatro Brunetti de Bolonha a nova opera *Robinson Crosué* do nosso conhecido maestro Barbieri. O *Robinson* é uma parodia da *Africana*.

*
* *

Ernesto Rossi foi recebido em Alexandria com todas as honras devidas a um principe da arte. Entre outras cousas, offereceram-lhe um banquete internacional.

*
* *

Os estudantes de Oxford representaram a tragedia *Agamenon* d'Eschilo, na lingua original. Actores e espectadores pertenciam exclusivamente ao sexo masculino. Suppomos que a não ser na Grecia não será facil encontrar uma senhora que conheça o idioma grego.

*
* *

Liszt é esperado em Budapest, onde lhe preparam um acolhi-

mento entusiasta. Liszt far-se-ha ouvir no salão da Academia musical, adornado pelas senhoras em homenagem ao rei do piano. Cada um dos enfeites decorativos tem o monogramma da pessoa que o fez.

*
* *

A nova opera do maestro Bergamini, *Ugo e Parisina*, que subiu á cena em Ferrara, obteve um exito lisongeiro.

*
* *

Vae ser cantado em Italia um *spartito* de Musone, cujo assumpto é o grande poeta dos *Lusias*.

*
* *

O *Percival* de Wagner, o compositor da musica do futuro, será cantado em 1882 em Bayreuth. Durante a residencia de Wagner em Monaco, o rei Luiz, para garantir o bom exito da nova opera, estipulou ao maestro um subsidio de 375:000 francos, isto é, réis 67:500 \$000 réis. Pois apezar d'isso Wagner negou-se a satisfazer os desejos do monarcha, que se empenhara para que a primeira audição da opera fosse em Monaco, insistindo em que seja em Bayreuth.

*
* *

Os socios do *Gymnasio Club*, que pertencem na totalidade á *jeunesse dorée* de Lisboa, realizaram na ultima quinta feira no Price uma brillante festa gymnastica e equestre, cujo producto reverteu a beneficio da Crèche protegida por S. Magestad a rainha.

PERFIS CONTEMPORANEOS

O principe herdeiro da Prussia

O principe Frederico Guilherme, que casou ha dias, nasceu em Berlim no dia 27 de janeiro de 1859. Elle é actualmente capitão no primeiro regimento da guarda.

Frederico Guilherme é um mancebo de estatura acima de regular, esbelto e de presença distinta. Os seus grandes olhos azuis, os seus cabellos castanhos claros, recordam de preferencia aos Hohenzollern o typo da familia real de Inglaterra. O principe não tem dos primeiros senão o garbo militar que distingue todos os membros da dynastia prussiana, a partir da fundação do reino.

O principe Frederico Guilherme foi cuidadosamente educado por sua mãe. A princeza herdeira conservou a recordação intima da sua familia em Inglaterra e dedicou-se inteiramente á educação physica e moral de seus filhos. Foi ella principalmente que se empenhou pela realisaçao d'este casamento, logo que se convenceu que seu filho estava seriamente apaixonado pelas graças e encantos da formosa princeza Victoria de Schleswig-Holstein.

A juvenil princeza apresenta o typo allemão accentuadissimo; os cabellos frizados e loiros, os olhos azuis claros, o nariz direito, a boca fresca e vermelha. É além d'isso muito alta e conta mais alguns mezes de idade que o seu augusto noivo, tendo nascido em Dolzig, a 22 de dezembro de 1857.

Comprehende-se, em vista da situação das duas familias, que se levaram alguns obstaculos contra este enlace. O noivo ha de ser um dia Guilherme III, imperador da Alemanha, isto é, um dos monarcas mais poderosos da Europa. A princeza é certo que descede de uma familia soberana, mas, francamente, essa soberania é hoje um tanto hypothetica. Seu pai, o duque d'Augustenbourg, representou um pequeno papel politico por occasião da guerra do Schleswig-Holstein, em 1864. Elle era o pretendente legitimo á posse do trono dos ducados que a Austria e a Prussia arrancaram á Dinamarca.

Estabelecerá, cerca de Kiel, uma pequena corte *in partibus* e

organisara ahí para seu uso pessoal um pequeno ministerio que pretendia fazer valer em diversos paizes direitos que ninguem lhe reconhecia.

Durante algum tempo o duque foi um personagem coerente e leal. Mas, mal aconselhado por ambiciosos mediocres e folcloricos equivocos, o desgraçado principe seguiu uma politica tão desastrada, que o ministro dos negocios estrangeiros, conde de Bismarck — n'essa epocha o principe era simplesmente conde — afastou-o rapidamente e fez d'esse pretendente sério um heroe de opera comicá.

De certo o futuro imperador da Allemanha poderia erguer mais alto as suas vistas e desposar uma senhora de hierarchia superior á da filha de um duque. Mas as dificuldades não páram ahí.

Ha ainda n'esta união outra circunstancia curiosa, e que deveria ter impressionado estranhamente a augusta familia do principe Guilherme. A irmã do duque d'Augustenbourg, tia da noiva, desposará um simples burguez, o dr. Esmarch, o Nélaton da Allemanha, isto é, o primeiro cirurgião do paiz. Resulta d'este facto que a futura imperatriz da Allemanha é sobrinha de um simples burguez. Estas bagatellas significam muito em relação a um paiz escravo da legitimidade e respeitador da nobreza hereditaria.

Mas como o principe herdeiro achou que a princeza de Schleswig-Holstein possuia os mais bellos cabellos do mundo, olhos azuis singularmente expressivos e um sorriso encantador, entendendo que o dito cirurgião era um argumento nullo em presença de um sentimento apaixonado, dirigiu-se como um bom filho respeitoso a seu pae e sua mãe, pediu-lhes o consentimento e estes que conheciam intimamente a joven princeza annuiram.

Foi a princeza mãe que transmítiu a resposta affirmativa do imperador e da imperatriz.

DOMINÓ PRETO.

BIBLIOGRAPHIA

Acaba de distribuir-se o n.º 5 do 3.º anno da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, publicação interessantissima da livraria Chardron. O fasciculo que temos á vista contém artigos dos srs. Camillo Castello Branco, Silva Pinto e Conceição e varias notícias, sendo uma d'ellas devida á pena de Rodrigo Velloso, intelligent redactor da *Aurora do Cavado*.

*

* *

Recebemos o fasciculo da *Chronica moderna* correspondente a março.

Este numero, escripto por Julio Machado, visconde de Benalcázar, Osorio de Vasconcellos, Fernando Caldeira, Joaquim de Araújo, Dr. Baldy, V. de D., Marianno Pina, João de Azevem e Tricoche é sem contestação um dos melhores da *Chronica*, excellentemente redigida por Gervasio Lobato e editada por João António de Mattos.

Boa critica, estylo finamente humoristico, traços elegantemente contorneados, tudo se nos depara n'este bello fasciculo.

O conto de Marianno Pina, *Vingança de Bismarck*, é uma *bou-tade* litteraria deliciosa. A secção *Theatros lyricos*, primorosamente escripta e pensada com grande elevação de critica esthetic, que raras vezes se faz entre nós, é de certo uma das mais valiosas da *Chronica moderna*.

O Zzzt..., de Julio Machado, é um verdadeiro relâmpago de espirito. Desejamos á *Chronica moderna* todas as prosperidades de que é digna.

*

* *

Temos recebido os seguintes jornaes:

Porto comico, illustração humoristica que revela facilidade e boa observação, *Revista do Norte*, valentemente redigida por Silva Pinto, *Verdade*, Pae Anselmo e *Correo de la moda*, n.ºs 12 e 13, anno XXXI.

*
* *

Recebemos agora mesmo o livro do sr. conego Alves Mendes, *O priorado de Cedofeita*, ácerca do qual fallaremos mais de espaço. Agradecemos desde já ao autor a sua apreciavel offerta.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

ONZE ANNOS DEPOIS...

A * * *

No dia em que ao seu destino
Outro destino prendeu
O nosso amor cristalino
Morreu.

E ás ondas do mar indomito
Da minha alma attribulada
Cahiam, soltas, as perolas
D'esse amor, d'essa alvorada!

N'aquelle noite de festa
Em que, de novo, o encontrei,
Na minha sorte funesta
Pensei...

Era longe a quadra flórida,
Em ruinas a ventura;
Volvêra-se a aurora limpida
Nos crepes da noite escura !...

Não é desamor — mas scismo
Que vale mais resistir...
Quero á vertigem do abysmo
Fugir...

Quero, da minha existencia
Nos tristes despenhadeiros,
Vér o sol da consciencia
Sem sombras ou nevoeiros.

Porque, dês que ao seu destino
Outro destino prendeu,
O nosso amor cristalino
Morreu...

Coimbra, 18.

AMELIA JANNY.

MEDICINA CASEIRA

RECEITA PARA CURAR OS DEFLUXOS

Faça-se fervor em um litro de agua quatro maçãs rainetas cortadas em bocados, cinco grammas de hysopo e igual porção de alcacuz. Este cosimento deverá ficar reduzido a meio litro.

Côe-se então por um panno fino, junte-se-lhe 30 grammas de assucar e reduza-se ainda a metade, mediante a acção de um lume brando. Tome-se de manhã e à noite, no acto de levantar e deitar, duas colheres d'este cozimento.

O defluxo mais violento e pertinaz curar-se-ha no espaço de quatro dias.

ANTONIO DE LISBOA.

SEÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero.....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros... 23000 réis
Lisboa Assignatura de 25 numeros	500 "	Assigna-se em casa dos srs. Sousa Te-
		rreros..... Assigna-se na Livraria Zefirino — 87, xeria e Moraes Calabre — 95, Rua dos Ourives, 95.

SURPREZA!

ÁS PESSOAS QUE COMPRAREM MACHINAS DE COSER ATÉ AO FIM DO MEZ DE MARÇO

NA EXPOSIÇÃO DE MACHINAS DE COSER

E CASA DE COMMISSÕES

DE

Antonio Ignacio da Fonseca & C.^a

Praça de D. Pedro, 15—Largo da rua do Príncipe, 5 a 10

(Frente à rua Nova do Carmo)

LISBOA

Vinde examinar e ficareis convencidos que são estas as unicas machinas de coser que não arruinam a saude ás pessoas que com elles trabalham, pois uma criança de CINCO ANNOS as faz mover sem o minimo esforço.

Não vos illidis com os preços baratos que por ahí se oferecem porque são apenas bocados de ferro simplesmente preparados para a illusão do publico, ao passo que todas as nossas machinas são construidas de bom aço e magnificamente temperadas; e por isso a sua deterioração é

IMPOSSIVEL

Todas as machinas se vendem a pequenissimas prestações e com grandes vantagens aos compradores de prompto pagamento.

Garantia sem igual, torçaes, algodões e agulhas para todas as machinas e concertam-se todos os systemas.

Praça de D. Pedro, 45—Largo da Rua do Príncipe, 5 a 10

(FRENTE DA RUA NOVA DO CARMO)

Lisboa

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA & C.^a

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

ACEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zefirino.

PRESENTES

É bem conhecido o bom gasto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que há de melhor em Paris, proprio para oferecer á mais aristocrática dama ou ao mais distinto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatizadas.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.— 1 volume com 407 paginas

PREÇO 240 RÉIS

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

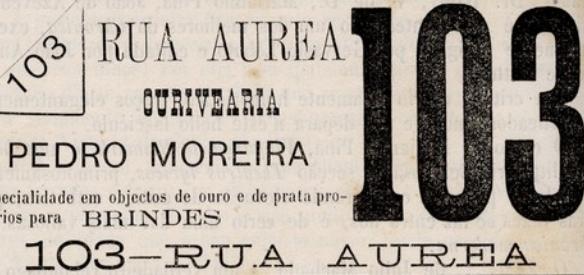
ESTÁ PUBLICADO O 20.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zefirino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA



EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto

muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$330 Semestre..... 4\$560 Anno..... 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento n.º 128.